

LIÇÕES PARA O BRASIL QUANTO AO EMPREGO DE SUBMARINOS NA BATALHA DE MIDWAY



Capitão de Fragata Caio Germano Cardoso

1 INTRODUÇÃO

O emprego de submarinos estadunidenses no Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial consistiu em uma história repleta de sucessos, porém pouco conhecida. Apesar de ter recebido menor atenção e, conseqüentemente, fama no imaginário militar e popular do que as ações dos submarinos alemães, as operações estadunidenses tiveram a capacidade de estrangular a economia japonesa, contribuindo sensivelmente com o esforço da guerra. Além disso, ao contrário do ocorrido com os aliados, os japoneses apresentaram uma grande dificuldade de fazer frente a essa ameaça, não conseguindo virar a guerra antissubmarino a seu favor.

Dentro desse contexto, um dos aspectos menos conhecidos das operações de submarinos foi o seu emprego durante a Batalha de Midway. Esse evento, que representou o ponto de inflexão na Guerra do Pacífico, é sistematicamente lembrado como uma grande Batalha Aeronaval que acabou permitindo a retomada da iniciativa pelas forças aliadas. Esse relativo desconhecimento é resultado de uma atuação discreta dos submarinos, apesar da quantidade de meios empregados. Tal fato foi decorrente de um planejamento que inviabilizou a exploração de todo o potencial da arma submarina naquele combate, o que pode nos fornecer lições interessantes para a Marinha do Brasil nos dias de hoje.

2 O USO DE SUBMARINOS NA BATALHA NAVAL DE MIDWAY

A Batalha de Midway interrompeu uma sequência de seis meses de consecutivas vitórias japonesas no Pacífico. A partir de dados de criptoanálise obtidos pela Estação “Hypo”, foi possível antever o ataque japonês às Ilhas Midway e preparar uma batalha de-

cisiva que pudesse influenciar o desenvolvimento das operações navais na região. Nesta Batalha foram empregados pelos japoneses quatro navios-aeródromos, oitenta e três navios de superfície, vinte e um submarinos e dezenas de navios auxiliares no ataque quase simultâneo a Midway e às Ilhas Aleutas. Pelos Estados Unidos participaram três navios-aeródromos, quarenta e três cruzadores e contratorpedeiros e dezoito submarinos, também divididos nas duas áreas de operações (TILLMAN, 2003).

Treze desses submarinos foram empregados em círculos de 200 e 250 milhas em zonas de patrulha em áreas a norte e a oeste de Midway, área esperada de aproximação indicada pelos dados criptoanalisados da Estação “Hypo”. Os demais foram divididos na atividade de apoio em um círculo de 800 milhas a noroeste de Oahu, sendo que os últimos a serem prontificados foram posicionados a 100 milhas daquela ilha havaiana (NIMITZ, 1942). É importante notar que o Almirante Chester A. Nimitz, Comandante da Esquadra do Pacífico, comenta em seu relatório pós-ação que “todos os submarinos que puderam alcançar a área Oahu-Midway foram empregados, tendo sido aceitável a interrupção de suas patrulhas ofensivas”.

Entretanto, observa-se que a participação dos submarinos foi pequena, apesar das forças empregadas. Ela se resumiu a um ataque com três torpedos pelo Submarino USS “Nautilus” às 13h59, horário local, contra o Navio-Aeródromo “Soryu”, que já havia recebido duros ataques aéreos e encontrava-se em chamas (a fumaça decorrente dos primeiros ataques foi avistada pelo submarino às 07h10, horário local, permitindo o início da sua aproximação). Mesmo esse ataque foi incapaz de afundar o navio japonês, que acabou naufragando como resultado de novos ataques aéreos

os subsequentes. Já o submarino USS “Grouper” não conseguiu realizar ataques em decorrência das medidas antissubmarino adotadas pelos japoneses (NIMITZ, 1942). Além disso, eles contribuíram para causar uma colisão entre os cruzadores japoneses, “Mikuma” e “Mogami”, após o submarino ter sido avistado na superfície, e enviaram um relatório de avistamento que levou o Almirante Raymond Spruance a interromper a perseguição aos navios japoneses que fugiam. Em sua análise do emprego dos submarinos na batalha, Clay Blair Jr. (1975) afirmou que “as atividades realizadas pelos submarinos do Estados Unidos na Batalha de Midway foram de confusão e erro”.

Esse resultado contrasta com o que foi realizado pelos submarinos estadunidenses durante as operações no Pacífico. A despeito de comporem menos de 2% dos navios militares empregados naquele Teatro de Operações, eles foram responsáveis por afundar 30% dos navios de guerra e 55% dos navios mercantes japoneses (CONVERSE, 2019).

Ao analisar as causas de tal desempenho, podem ser observadas duas lições importantes. Um dos problemas já é largamente conhecido e é sistematicamente mencionado quando analisadas as operações de submarinos naquele Teatro de Operações, trata-se do baixo desempenho dos torpedos no início do conflito. Isso viria a ser corrigido, permitindo a melhora do desempenho dessa fabulosa arma de combate (SYMMONDS, 2003), não sendo de análise mais detalhada neste artigo.

A segunda questão está relacionada com o conceito operacional vislumbrado para os submarinos para aquela batalha. Em primeiro lugar, o espalhamento dos submarinos por uma grande área permitiu que os mesmos atuassem em suas zonas de patrulha como fontes de dados da possível aproximação dos japoneses. Porém, prejudicou sensivelmente a capacidade de coordenação dos ataques, empregando as táticas vigentes de matilha, que teriam contribuído com a missão de causar o máximo dano às forças inimigas. Esse problema foi agravado por uma estrutura de Comando e Controle deficiente que não previu o tráfego de informações do esclarecimento aéreo em tempo oportuno para os submarinos (HUNICUTT, 1997).

Esses fatos são relevantes, especialmente se considerarmos que há relatos de informações de posi-

cionamento de navios japoneses a partir do dia 2 de junho, tendo a maior parte da batalha ocorrido apenas em 4 de junho. As táticas utilizadas na época previam o emprego de altas velocidades para os submarinos na superfície para permitir o seu posicionamento em sucessivos ataques. Mesmo considerando a proibição de trânsito na superfície diurna vigente na batalha, visando evitar o alerta sobre a preparação das forças americanas, apenas o trânsito noturno na superfície em altas velocidades poderia ter contribuído com maior protagonismo.

Mesmo considerando que não era desejável comprometer o sigilo da preparação dos Estados Unidos para a batalha, após as operações aeronavais, os submarinos ainda poderiam ter sido empregados ofensivamente com a utilização dos dados disponíveis e suas altas velocidades na superfície. Ao contrário disso, suas Zonas de Patrulha foram gradualmente aproximadas de Midway, encerrando a possibilidade de um dano muito superior a outras parcelas das forças japonesas, além dos seus navios-aeródromos.

3 O EMPREGO DESSAS LIÇÕES PARA O BRASIL

Scharnhorst (1804), estrategista e um dos mestres e mentores de Clausewitz (BELLINGER, 2019), defendeu de maneira incisiva o estudo de eventos históricos na preparação dos oficiais para o combate. De maneira análoga, outro renomado estrategista, Corbett (1911), foi um passo além ao definir que esse estudo contribuiria não só com a elaboração de planos, mas também com a sua compreensão pelos comandantes subordinados que executarão essas ações.

Nesse momento em que o Brasil, por meio do seu Programa de Submarinos, trabalha na construção do primeiro submarino nuclear brasileiro (Figura 1) (BRASIL, 2019), algumas dessas lições de Midway serão úteis para o país. É preciso considerar que o submarino nuclear traz uma nova dimensão para as modernas operações de submarinos ao incorporar altas velocidades à conhecida furtividade do meio. Esse fato implicará uma nova forma de pensar pelos nossos submarinistas a fim de permitir o pleno emprego de tão versátil capacidade.

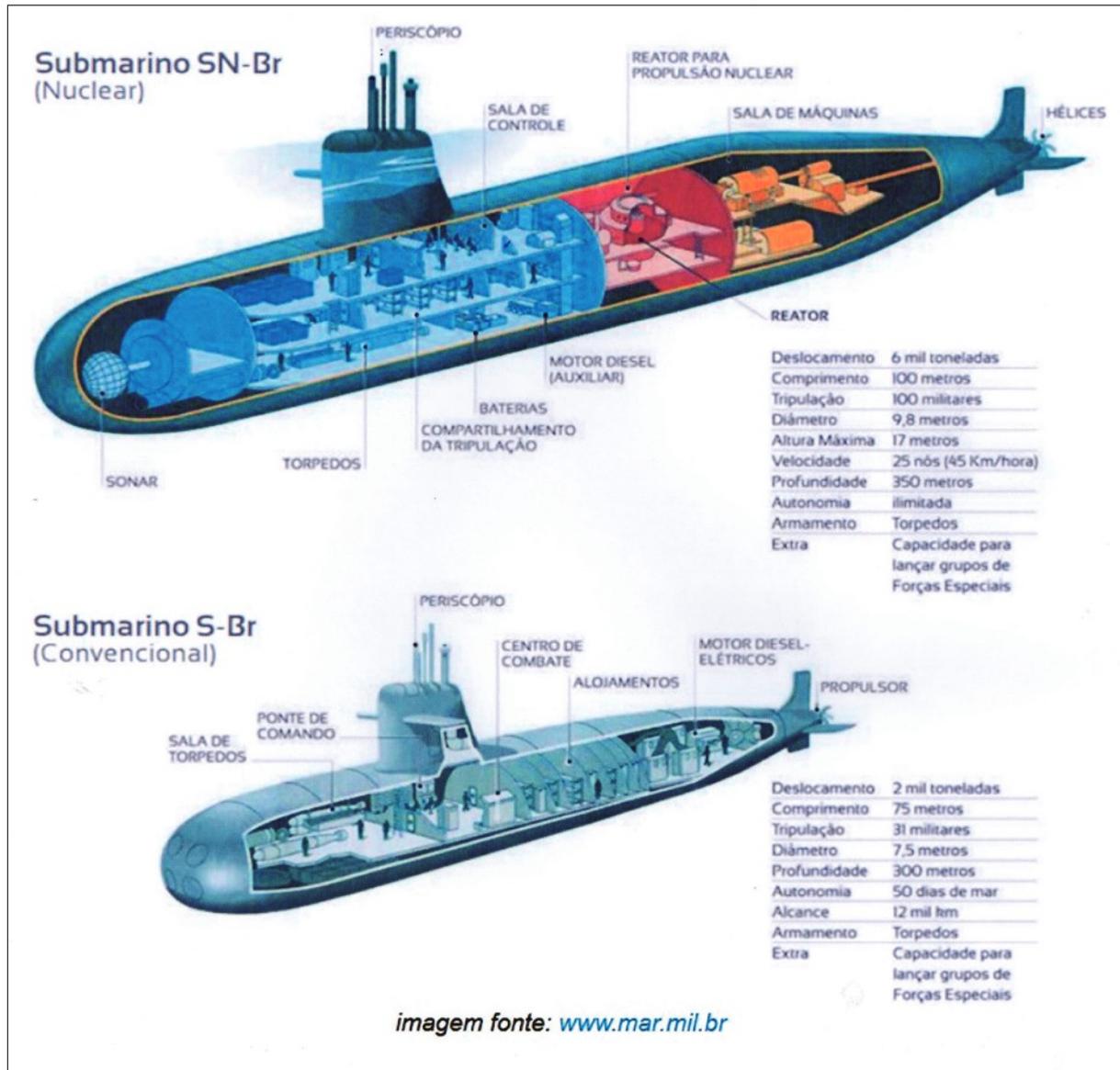


Figura 1: Submarino SN (BR).

E é nesse ponto em que uma das lições do emprego de submarinos em Midway poderá contribuir com a Marinha do Brasil. Uma análise operacional do espaço marítimo de Midway indica a ausência de um ponto focal no qual o emprego de submarinos possa ser maximizado. De maneira análoga, a costa do Brasil não apresenta geograficamente muitos pontos focais que facilitem o posicionamento dos submarinos, o que amplifica a importância das altas velocidades providas pelos submarinos nucleares.

Desta feita, a partir das lições de Midway pode-se inferir a importância do emprego de uma estrutura de comando e controle adequada e ágil e que possa incorporar todos os recursos de patrulha e esclarecimento, permitindo o eficiente posicionamento do submarino nuclear. Afinal de contas, as altas velocidades serão mais úteis se tivermos a clara noção para onde deveremos mandar o meio. De menor utilidade será a existência de altas velocidades se não for possível posicionar dinamicamente as zonas de patrulha de forma

que permitam maximizar a ameaça submarina. Não considerar o emprego das velocidades disponíveis pelo nível operacional de comando restringirá o seu uso apenas pelos comandantes de submarino no nível tático para posicionar-se dentro de sua zona de patrulha, diminuindo enormemente a flexibilidade dessa nobre arma no combate naval.

Vislumbra-se que o caminho para minimizar o risco de tais lições não serem empregadas seria continuar o desenvolvimento de Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul (SisGAAz) (BRASIL, 2018) e garantir seu pleno emprego em apoio às operações de submarinos. Esse sistema deve incorporar uma série de informações de diversas fontes para permitir aprimorar o processo decisório do nível operacional, contribuindo para maximizar o emprego dos submarinos nucleares. Ele poderia contribuir enormemente com essa complexa missão da Autoridade de Controle de Submarinos de posicionar os submarinos de maneira eficiente, maximizando seu emprego.

4 CONCLUSÃO

O emprego de submarinos na Batalha de Midway nos deu importantes indicações sobre a importância de uma estrutura de Comando e Controle para maximizar o emprego de submarinos. Informações melhores e mais oportunas ou ágeis poderiam, naquela ocasião, ter flexibilizado o posicionamento dos submarinos, empregando altas velocidades no período noturno. Este fato poderia ter trazido um protagonismo maior dos submarinos, a exemplo do que eles viriam a fazer nas operações subsequentes naquele Teatro de Operações.

Nesse momento, no qual a Marinha do Brasil trabalha para incorporar o seu primeiro submarino nuclear, que trará como grande diferencial a capacidade de navegar submerso a maiores velocidades, tal lição parece ser válida novamente. A disponibilidade de uma estrutura de Comando e Controle ágil e que incorpore várias fontes de informação permitiria empregar essas maiores velocidades não só no nível tático, como também no nível operacional. Ou seja, ela permitiria não só o melhor posicionamento final para o ataque, mas criaria a flexibilidade de que a Autoridade de Controle de Submarinos reposicionasse dinamicamente as Zonas de Patrulha, tornan-

do a ameaça submarina onipresente. Isso traria uma maior flexibilidade e maximizaria o emprego dessa fabulosa arma, ampliando o sucesso que esse grande projeto e a nobre História de nossa Força de Submarinos merecem.

REFERÊNCIAS

BELLINGER, Vanya Eftimova. Introducing #Scharnhorst: The vision of an enlightened soldier “On Experience and Theory”. 2019. Disponível em: <<https://thestrategybridge.org/the-bridge/2019/4/1/introducing-scharnhorst-the-vision-of-an-enlightened-soldier-on-experience-and-theory>>. Acesso em: 2 mai. 2019.

BLAIR JR., Clay. Silent victory: The U.S. submarine war against Japan. Philadelphia: Lippincott, 1975.

BRASIL. Marinha apresenta projeto-piloto do Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul para o Ministro da Segurança Pública. 2018. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/noticias/marinha-apresenta-projeto-piloto-do-sistema-de-gerenciamento-da-amazonia-azul-para-o>>. Acesso em: 14 mai. 2020.

BRASIL. Submarino nuclear. São Paulo: Marinha do Brasil. 2019. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/ctmsp/submarino-nuclear>>. Acesso em: 14 mai. 2020.

CONVERSE, Blake. Then and now: Midway and submarine force. [S.l.]: United States Navy, 2019. Disponível em: <<https://navylive.dodlive.mil/2019/10/29/then-and-now-midway-and-submarine-force/>>. Acesso em: 14 mai. 2020.

CORBETT, Julian S. Principles of maritime strategy. Nova York: Longmans, Green and Co., 1911.

HUNICUTT, Thomas G. The operational failure of U.S. submarines at the Battle of Midway and implications for today. Newport: Naval War College, 1997. 31 p. Disponível em: <<https://apps.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a311656.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2020.

NIMITZ, Chester A. Battle of Midway action report. Hawaii: United States Navy, 1942. Disponível em: <ht-

[tps://www.ibiblio.org/hyperwar/USN/rep/Midway/Midway-CinCPac.html](https://www.ibiblio.org/hyperwar/USN/rep/Midway/Midway-CinCPac.html)>. Acesso em: 14 mai. 2020.

SCHARNHORST, Gerhard Von. On experience and theory. 1804. Disponível em: <<https://thestrategy-bridge.org/the-bridge/2019/4/1/introducing-scharnhorst-the-vision-of-an-enlightened-soldier-on-experience-and-theory>>. Acesso em: 2 mai. 2019.

SYMONDS, Craig L. Decision at sea: five naval battles that shaped American history. New York: Oxford University Press, Inc., 2005, 378 p.

TILLMAN, Barret. Midway to Victory. In: GOODSPEED, M. Hill. U.S. Navy: a complete history. New York: Naval Historical Foundation, 2003, p. 420-421.